

Cette pièce est un mélange de 6 parties de cuivre et de 4 parties de *toutenague* (cuivre blanc des Chinois); elle est fondue et non frappée. Le trou carré, dont elle est percée au milieu, sert à en faire des chapelets que les acheteurs portent suspendus aux bras ou au cou. Un chapelet de 100 *sapèques* ou *cashés* forme un *mace*. Le chapelet de 1.000 pièces vaut un *liang* ou once d'argent.



Sur l'un des côtés de la pièce se trouve une devise en langue manchoue relative à la dynastie régnante, le nom de cette dynastie et celui du monarque; sur l'autre côté on lit le nom du règne et les mots: *monnaie courante*¹.

Les autres monnaies en circulation à Macao, telles que la piastre espagnole, le dollar américain, etc., sont purement étrangères.

CÉSAR FAMIN.

Analecta archaeologica

1. — Goivas de pedra

De uma região próxima àquela donde provém a bela goiva de pedra que figurei e descrevi n-*O Arch. Port.*, XVIII, 130, provém mais

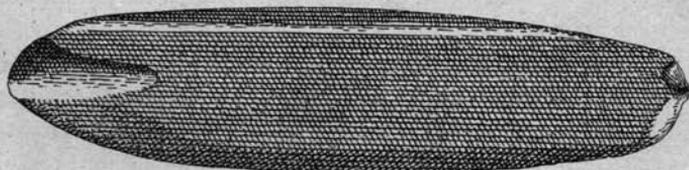


Fig. 1

duas que vão representadas nas figuras aqui juntas: 1 e 2 (tamanho natural, desenhos de Saavedra Machado).

¹Voyez pour plus de détails sur la fabrication, la valeur et l'usage des *Sapèques* ou *cashés*, l'article consacré à cette monnaie dont l'excellente notice publiée en 1846 par Mr. de Montigny, attaché à l'ambassade du Roi en Chine; *Manuel du négociant français en Chine, etc.* (pages 347, 350 et 353).

Voyez aussi un article du *Magasin Pittoresque*, année 1844, page 398, note 1.

Uma das goivas, fig. 1, de rocha eruptiva (Paul Choffat), appareceu perto dos Casais da Murteira, concelho do Cadaval, onde a adquiri: tem no inventário do Museu o n.º 5:169. À outra, fig. 2, falta a me-



Fig. 2

tade oposta ao gume; é de rocha que parece xistosa, e appareceu perto do Pó, concelho de Óbidos, onde a comprei: tem no inventário do Museu o n.º 5:170.

2. — Caricatura monetária

Por se destinarem a grande curso, e a estabelecerem contínuas relações entre os homens, as moedas prestam-se admiravelmente a servir de mensageiras de uns para os outros, propagando notícias, apregoando feitos de glória, e também servindo de látego satírico. Assim não fôsse tam restrito o espaço de que, pela força das circunstâncias, elas dispõem para o seu múltiplo destino!



Já no *Inventário das moedas portuguezas da Biblioteca Nacional de Lisboa*, que publiquei em 1911, aludi, a pág. 36-37, a ter-se apôsto irónicamente a algumas moedas de cobre da monarquia um barrete frigio, à maneira de carimbo, o qual barrete ora está sôbre o corpo do monarca, ora no campo da moeda. Tais factos são muito conhecidos¹; mas sei de um semelhante, que é desconhecido, e de elle vou aqui falar.

O meu amigo Dr. Maximiano de Araújo, illustre professor do liceu de Viseu, ofereceu-me há tempos para o Museu Etnológico uma moeda que vai desenhada na figura adjunta (desenho de Saavedra Machado): é um vintem de D. Luís. Alguem

¹ A carimbagem, como me dizem, começou em 1891, em Paços Ferreira. Tenho sôbre o assunto alguns apontamentos, que em ocasião oportuna aproveitarei. — A par de moedas de cobre, há-as também de prata, com carimbo («500 réis» e «200 réis», pelo menos, de que existem exemplares no Museu Etnológico).

pouco affecto a Fontes Pereira de Melo (1819–1887), que como ministro de aquelle rei desempenhou preponderante papel político¹, raspou no anverso da moeda a cabeça do soberano, e substituiu-a pelo busto de Fontes coroado com a coroa com que Bordalo Pinheiro o costumava caricaturar no *António Maria* (vid. vol. III, 1881, pag. 97, e volumes seguintes), coroa que é análoga às dos reis antigos: ficou assim «o rei António Maria», como Bordalo lhe chama *ibidem*, I, 145, embora aí o não apresente coroado².

Esta curiosidade monetar tem um comentário natural e pepétuo no citado jornal, onde o lápis do nosso primeiro caricaturista deixou páginas de diabólico humorismo artístico.

3.—Sinal de um notário do século XVI

Tendo tido uma vez ensejo de examinar papéis que pertenceram ao extinto convento de Vairão, observei que um tabelião de notas do séc. XVI usava neles, como sinal, a fig. 1. Êle assinava por baixo de ela.

Esta figura consta essencialmente de um sino-saimão ou polígono estrelado; mas o vértice de um dos ângulos salientes prolonga-se



Fig. 1 — Sinal de um tabelião do séc. XVI



Fig. 2 — Brasão papal

por uma cruz, e de cada uma das reintrâncias dos dois ângulos adjacentes àquele brota uma chave.

As chaves são de certo as de S. Pedro, por o tabelião pertencer a uma casa monástica; e como o sino-saimão goza de grande vitalidade nas crenças supersticiosas do nosso povo, por influência semítica,

¹ Fontes subiu ao poder a primeira vez em 1851, ainda no tempo de D. Maria II, e já em 1852 praticou actos notáveis que mereceram que se lhe dedicasse a medalha de que o Dr. Artur Lamas tratou n-*O Arch. Port.*, XVII, 251 sgs.; é porém dó reinado de D. Luís que verdadeiramente data o prestígio de que gozou.

² É possível que para a escolha da coroa concorresse alguma razão política que me escapa. Deixo a investigação do assunto a quem com melhor informação o possa estudar.

provavelmente judaica¹, faz-se aqui um mixto curioso de símbolos religiosos de diferentes origens, o que também acontece em alguns amuletos.



T.A.M.

Parece que o notário, para a invenção do seu sinal, pensou no brasão dos papas (vid. fig. 2); ao sino-saimão de aquele, encimado de uma cruz, corresponde a tiara neste, também com cruz no alto; as chaves são duas em ambos os emblemas, e em disposição idêntica, senão que as dos papas estão mais enfeitadas.

4. — Asa romana de sítula

Semelhante à asa de sítula que foi publicada n-*O Arch. Port.*, xv, 326, adquiri outra em Outubro de 1913 no lugar da Ròliça, concelho de Óbidos, a qual apareceu num campo vizinho de aquele lugar, quando o dono andava lavrando¹.

É também de bronze, e representa um homem de cabelo apartado ao meio, bigode, e barba calamistrada e estilizada.

Tem no Inventário do Museu o n.º 5261.

*

O aparecimento da asa de sítula na Ròliça relaciona-se com o de outras figuras romanas, e bem assim de moedas, vasos, inscrições e pesos por todos aqueles sítios: Columbeira e S. Mamede de Óbidos.

5. — Vintem de Filipe I

Do «vintem» de Filipe I de Portugal, de que Teixeira de Aragão (*Descrição das moedas*, vol. I, est. XXIV, n.º 11) dá um desenho, e de que faz a descrição no mesmo volume, p. 311, obtive há pouco para o Museu Etnológico um exemplar que difere de aquele, e que por isso aqui publico.

No anverso a legenda é PHILIPPV O I.º PHIL. Não só depois do nome do rei, a que falta -s (não cunhado), está a letra I, que significa «1.º»,

¹ Fiz esta aquisição com o concurso de meu primo Jaime Leite, a quem o Museu muito deve.

como no cruzado de ouro, no tostão, e no meio-tostão (Aragão, n.ºs 4, 5 e 9), mas, por êrro de cunho, estão repetidas as quatro primeiras letras de aquelle nome em vez de aí se ler REX POR(tugaliae).

No R. lê-se ALGAR[b]· REX, e repetidamente. . GAR. . (por ALGAR B.), com um A sôbre o A do meio, e parte de um B sôbre o R, estando safado

o comêço da palayra e o que ao B se seguia, de certo outra vez REX: o que de novo patenteia êrro de cunho, e ao mesmo tempo ressaltó de êste.

Vid. a gravura junta (desenho de Saavedra Machado).



6.—Dois monumentos lapidares romanos de Trás-os-Montes

Ao Sr. Fernando Barreiros, capitão da guarda fiscal, que começa a dedicar-se com grande entusiasmo à arqueologia trasmontana, deve o Museu Etnológico, entre outros serviços, a posse das duas lápides romanas de que vou falar.

É a primeira uma estela de granito de 1^m,65 de altura, 0^m,16 de espessura, e 0^m,43 de largura, terminada em ângulo, e que tem na parte superior, como que em uma edícula, uma figura humana barbaríssima, vista de frente, com rosto e nariz compridos, braço esquerdo caído, braço direito dobrado e a respectiva mão aberta sôbre o peito. No frontão sobresai uma meia-lua, com a concavidade voltada para cima. Por baixo da figura há uma inscrição de cinco linhas, dispostas entre regras horizontais, — muito sumida e de que leio apenas: linha 1, D(iis) M(anibus) S(acrum); linha 2, RIBV...; linha 3, VXSORI. Vê-se que a inscrição é funerária, dedicada a uma mulher por seu marido; a mulher chamar-se-ia *Reburrina*, e está «retratada» dentro da edícula. Acêrca do símbolo representado no crescente vid. o que



Fig. 1

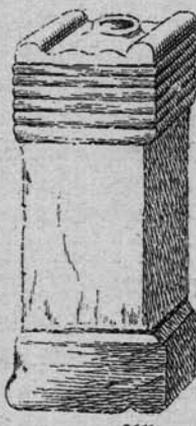


Fig. 2

escrevi nas *Religiões*, III, 424 sgs.—Esta pedra appareceu no leito de um riacho, no sítio de Paroselos, frèguesia de Padroso, concelho de Montalegre (o riacho chama-se Rigueiro dos Mouros), e recebeu no Inventário do Museu o n.º 5205.

A segunda pedra é uma ara de 0^m,72 de altura, 0^m,19 a 0^m,20 de espessura, 0^m,27 de largura no centro, com volutas em cima, e fôculo ou pátera. Talvez tivesse uma inscrição, mas hoje está completamente apagada. Apareceu no sítio da Veiga de Carigo, frèguesia de S. Vicente da Chã, concelho de Montalegre; perto desse sítio há um castro. A pedra recebeu no Inventário do Museu o n.º 5207.

J. L. DE V.

A Exposição Olisiponense no Museu Arqueológico do Carmo

A Associação dos Arqueólogos Portuguezes tomou este ano, mercê da sua Secção de Arqueologia Lisbonense, a iniciativa feliz de realisar nas ruínas esplêndidas das absides ogivais do convento do *Santo Condestabre Nun'Alvrez* a primeira exposição histórico-etnográfica da cidade de Lisboa.

Quis festejar com uma boa peça de programa a data das suas bodas de ouro, e patenteou à curiosidade pública, nas salas dessa sua séde, a mais preciosa colecção de produtos das olarias de Lisboa, bem como de outras manifestações artísticas, gráficas, industriais, ethnográficas, da capital. Reuniu-lhes numerosa documentação literária, de autores nacionais e estrangeiros, antigos e modernos, que à cidade se referiam,—e abriu a Exposição Olisiponense.

No opúsculo *A Arqueologia*, da Biblioteca do Povo e das Escolas, diz o autor, fazendo menção da associação criada pelo benemérito Possidónio da Silva: «foi constituída com o fim de estimular o desenvolvimento da archeologia,» e «cumpre aquelle fim nobre e patriótico, com bastante amor e dedicação,» e também: «nem sempre tem sido satisfeitos os intuitos e aspirações da Associação, mas resta-lhes o orgulho de trabalhar constantemente para conseguir o objectivo que se propôs»¹. A Exposição Olisiponense, obra da Associação encomiada

¹ *A Arqueologia*, fascículo n.º 181 da Biblioteca do Povo e das Escolas, por D. António José de Melo, tenente de cavalaria, pp. 4 e 5.